



INVESTMENT CENTER DEUTSCHE BANK PORTUGAL

Poderá o Brasil tornar-se um modelo para os restantes países da América Latina?

Deutsche Bank



A transformação económica do Brasil nos últimos anos é notável. Depois de um crescimento médio do PIB de apenas 2,5% na década que acabou em 2003, o produto brasileiro acelerou para uma média de 4,7% de 2003 a 2008. Dado o actual momento económico global, é pouco provável que este ritmo seja sustentável, no entanto um crescimento médio de 4% na próxima década é perfeitamente atingível. Depois de sofrer os efeitos de várias crises nas décadas de 80, 90 e, mais recentemente, no ano de 2002, actualmente a resiliência económica e financeira do país não é superada pela de nenhum outro país. Depois da Fitch e da S&P, a Moody's está prestes a conceder ao país o rating de investment grade. Apesar de ser provável a contracção

da economia este ano, a verdade é que os indicadores económicos do país permanecem fortes e que queda do produto brasileiro deverá ser muito menos pronunciada do que a de outros países emergentes e desenvolvidos (!) e que o regresso ao crescimento está já ao virar da esquina.

A resiliência brasileira e a sua rápida recuperação deve-se, principalmente, à redução dos desequilíbrios em reservas estrangeiras, ao aumento das reservas de FX, a uma política fiscal disciplinada, à força do seu sistema financeiro, à independência "de facto" do seu banco central e a um forte e credível compromisso com a estabilidade económica.

No entanto, é também praticamente unânime que as políticas económicas nos meses imediata-

mente anteriores à crise estiveram longe de ser óptimas. Teria sido, por exemplo, preferível conter o aumento na despesa pública. Esta contenção teria contribuído para uma queda mais rápida da dívida pública e das taxas de juro, consequentemente permitindo um maior investimento privado e mais rápido crescimento económico. Este tipo de política teria contribuído para mitigar (senão mesmo evitar) o sobreaquecimento verificado entre 2004 e 2007 (e o consequente aumento das taxas de juro entre 2005 e 2008). Teria igualmente contribuído para que as autoridades tivessem, hoje em dia, um espaço maior para levar a cabo políticas fiscais contra cíclicas.

A principal linha de orientação da administração Lula, foi de que a redução da inflação e o aumento

da estabilidade macroeconómica, mesmo que à custa do crescimento do curto prazo, pode ser política e eleitoralmente compensadora, uma vez que aumenta o rendimento real dos mais pobres e satisfaz a necessidade de estabilidade das classes médias urbanas. O que em 2003 pode ter parecido uma resposta de emergência para conter a crise financeira e evitar um eventual default transformou-se numa política de longo prazo. Tornou-se na pedra de toque da política económica brasileira e a principal razão pela qual o Brasil está a atravessar a crise global relativamente incólume.

Não há, pois, nenhuma razão para que esta fórmula não deva ser aplicada pelos líderes políticos de outros países da América Latina.